



## 5. Fahrenheit 9/11 e o Terrorismo nos Estados Unidos após o 11 de Setembro de 2001

Lara Jogaib[1]  
Vanessa Schumacher[2]

O presente trabalho tem por objetivo analisar o filme Fahrenheit 9/11, de Michael Moore, produzido em 2004, bem como seu impacto na sociedade norte-americana, pois seu roteiro levanta uma série de questões até então não conhecidas pela população em geral. Também é intento deste texto abordar as fases do terrorismo e a nova forma de combate destas práticas após o 11 de setembro de 2001.

Plavras-chave: Terrorismo, Cinema, Novo tipo de guerra.

### **Fahrenheit 9/11 and Terrorism in the United States after the September 11, 2001**

This article intends to analyze the film Fahrenheit 9/11, directed by Michael Moore and produced in 2004. The intention is also to observe the impacts on american society, because his script raises many questions until then unknown by the general population. In addition, this text pretends to discuss phases of terrorism and the new way of combating these practices after 11 September 2001.

Key-words: Terrorism, Cinema, New type of war.

“Um filme, enfim, pode se apresentar como um projeto para agir sobre a sociedade, para formar opinião, para iludir ou denunciar”. (José d’Assunção Barros)

Desde os primeiros passos[3], o cinema sempre buscou na história inspirações para seus temas. Durante muito tempo a história interferia diretamente nas películas cinematográficas. Hoje, ao que tudo indica, é o cinema que interfere na história. A análise das imagens em movimento possibilita ao historiador um acurado estudo e um exame das relações políticas e das práticas e representações sociais, visto que nelas expressam-se variadas vozes sociais e diversificadas perspectivas culturais. Tal trabalho parte da análise do filme Fahrenheit 9/11 para entender os atentados ocorridos nos Estados Unidos, em 2001.

### **O filme como fonte histórica**



A utilização de películas cinematográficas como fonte para o entendimento das ideologias e mentalidades dos sujeitos históricos é um documento de valor ímpar para o historiador. Segundo Marc Ferro (2010), o filme por si só cria um acontecimento e as imagens transmitidas pelas câmeras são agentes da “história numa sociedade que a recebe, mas que também – e não se pode esquecer isso – a produz” (FERRO, 2010, p. 14).

Por ser produzido por agentes históricos, o filme torna-se um vestígio de atividade humana, pois fala muito sobre a sociedade que o produziu. Desejos, medos, anseios, ideais estão embutidos no filme, ainda que de forma inconsciente. Por esse motivo necessita ser analisado, investigado e esmiuçado. O historiador deve agir para com as imagens da mesma forma que se debruça sobre um tratado, um documento religioso ou sobre uma epopéia, a fim de investigar determinado fato ou sociedade. O filme fornece elementos que possibilitam uma análise da sociedade, ou uma contra-análise, fato que o caracteriza como uma testemunha singular de seu tempo.

Inúmeros trabalhos tentaram garantir status de documento histórico aos filmes. Em 1898, o polonês Bolestas Matuszewski[4] assegurou que a imagem era uma testemunha ocular, verídica e infalível, e entendia que a fotografia animada era autêntica e precisa. Nas décadas de 1920 e 1930, historiadores que participaram do “Congresso Internacional das Ciências Históricas”, levantaram a bandeira do cinema como conhecimento histórico, mas suas concepções eram similares as de Matuszewski, ou seja, o filme era tido como verdade absoluta. Em 1947, o alemão Siegfried Kracauer trouxe novos elementos para a discussão da relação cinema-história[5]. Sua tese era a de que o cinema expressionista alemão era o espelho da própria sociedade, estabelecendo uma relação especular. Em outras palavras, uma ligação direta entre o filme e a sociedade que o produziu. Por acreditar que o cinema era fiel à realidade de sua época, Kracauer atribuiu à película a capacidade de expor a realidade sem deformá-la.

Mesmo com trabalhos abordando a relação história-cinema, foi em meados do século XX que este tema ganhou maior notabilidade quando Ferro (2010) levantou a idéia de colocar os filmes no corpo dos documentos históricos. Neste período, a legitimidade das imagens em movimento ainda era duramente contestada como fonte. Apenas as imagens pertencentes a grandes coleções nos museus ou pinturas de artistas renomados participavam deste universo.



É importante salientar, que o fato do cinema ter sido excluído do universo historiográfico deve-se, em parte, à formação dos historiadores do século XIX e início do XX, pois sua metodologia baseava-se apenas nos documentos tidos como fontes verdadeiras, ou seja, as escritas emanadas do governo. O cinema representaria uma linguagem diferente, não conhecida. Além disso, o filme era tido como espetáculo para massas. Em um período que a história era feita pela elite de maneira alguma os intelectuais se interessariam por um “passatempo de iletrados” para utilizar as palavras de Marc Ferro.

Ao inserir novos documentos ao universo do historiador, a Escola dos Annales[6] abriu caminho para que o cinema entrasse no campo historiográfico, quebrando o paradigma tradicional. A história positivista oferecia uma visão de cima, relatando feitos de grandes homens, que poderiam ser estadistas, gerais e eclesiásticos. Buscava-se a objetividade da história, pois somente dessa forma esta disciplina teria status de ciência. A história era compreendida do ponto de vista das elites. Este paradigma baseava-se em documentos escritos, registros oficiais. Os fatos históricos analisados através destes documentos revelariam aos pesquisadores a verdade absoluta dos acontecimentos. O preço desse paradigma foi a negligência de outros tipos de evidências e de outros documentos.

O gigantesco conjunto das obras cinematográficas que foram produzidas ao longo da história, bem como as práticas e discursos que nele se estabelecem, deve ser encarado como fonte primordial e inesgotável para o trabalho do historiador. Além disso, as formas de expressões culturais embutidas nas películas fornecem um material singular para os estudos históricos em relação à época em que foram produzidas. O objetivo do historiador é observar a relação do filme com a sociedade que o produz e consome, articulando entre diversos elementos que contribuem na elaboração do filme, tais como: realização, audiência, espectador, financiamento, ação do Estado, entre outros.

### **O cinema norte-americano e o terrorismo**

Ao longo da História, estúdios cinematográficos vêm sendo utilizados a favor da guerra. Essa relação data do início da Primeira Guerra Mundial (1914-1919), época em que os filmes eram empregados tanto na propaganda bélica, quanto como meio de espionar os inimigos. Na Segunda Grande Guerra (1939-1945), os Estados Unidos usaram amplamente os recursos



cinematográficos para propagar o American way of life[7] e elucidar a política da boa vizinhança.

Os estúdios hollywoodianos afirmaram seu servilismo ao governo norte-americano, de maneira mais enérgica, após os atentados de 11 de setembro de 2001. Esta frenética onda ideológica contra o terror pode ser observada através da redescoberta dos personagens Marvel – os x-men, o homem de ferro, o demolidor, homem aranha – que se apresentam como vigilantes do mundo dispostos a liquidar com qualquer um que se coloque na frente do jeito americano de ser, ameaçando sua hegemonia. Além, de filmes tradicionais que mostram a sociedade norte-americana como vítimas de terroristas que

[...] praticam uma forma marginal de extremismo islâmico, que foi rejeitada por acadêmicos muçulmanos e pela maioria dos clérigos muçulmanos - um movimento marginal que perverte os ensinamentos pacíficos do islã. A diretiva dos terroristas os leva a matar cristãos e judeus, a matar americanos e a não separar os militares dos civis, incluindo mulheres e crianças[8].

Filmes como *Vôo United 93* (2006) e *As Torres Gêmeas* (2006) mostram como o cinema é utilizado pelo e a favor do Estado, caracterizando-se como “um projeto para interferir na história por trás do qual podem esconder ou se explicitar desde os interesses políticos de diversas procedências até os interesses mercadológicos encaminhados pela indústria cultural” (BARROS, 2008, p. 51).

### **Fahrenheit 9/11, de Michel Moore**

Existem casos em que o filme funciona como uma contra-análise da sociedade, para empregar as palavras de Marc Ferro (2010). Afinal, através de um filme podem também agir indivíduos que apresentam e defendem posições próprias e específicas que muitas vezes não condiz com as ideologias dominantes. *Fahrenheit 9/11* (2004), é um exemplo. O filme é tipo documentário e o autor exprime suas ideias todo o tempo, construindo uma narrativa divergente da versão oficial.

Segundo Barros (2008, p.52), “o autor, valendo-se do gênero documentário, na verdade o utiliza de uma nova maneira, não apenas para registro e interpretação da realidade, como



também com vistas a uma explícita e imediata interferência nesta realidade. Assim, ao ocupar a posição de entrevistador, o autor investiga, provoca, assume nitidamente uma posição, impõe situações que querem mudar o curso da realidade examinada”.

Fahrenheit 9/11 pode ser caracterizado como um produto de significações não somente cinematográficas, visto que seu discurso gerou impacto na sociedade norte-americana. Além disso, contribui para uma conscientização por servir como um contra-poder. “O filme ajuda assim na constituição de uma contra-história, não oficial, liberada, parcialmente, desses arquivos escritos que muito amiúde nada contêm além de memória conservada por nossas instituições. Desempenhando assim um papel ativo, em contraponto com a história oficial, o filme se torna um agente da história pelo fato de contribuir para uma conscientização” (FERRO, 2010, p.11).

Vale lembrar que Moore já era conhecido por produzir anteriormente um filme de contra-história: *Tiros em Columbine*[9] em 2002. Neste filme Michael Moore questiona a origem da cultura bélica, a fascinação das armas de fogo pelos norte-americanos e o porquê de quase todos os moradores de cidades pequenas dos Estados Unidos guardarem armas em casa, tendo como ponto de partida o colégio Columbine, onde dois estudantes, ainda adolescentes, utilizaram as armas dos pais para matar catorze estudantes e um professor.

Em *Fahrenheit 9/11* Moore investiga os motivos que levaram os Estados Unidos a serem alvo de um atentado às torres gêmeas do World Trade Center, símbolo do poder norte-americano que deixou milhares de mortos. Averigua também, as ações políticas do presidente George W. Bush, desconhecidas pela massa da população desde a sua eleição em 2000, até o dia em que tudo ocorreu. Moore assegura que tais ações serviram como fatores e colaboradores dos ataques terroristas. Seu filme ganha então ares de denúncia ao levantar a tese de uma rede de poderes políticos e econômicos formada através de paralelos entre gerações da família Bush – Bush pai e Bush filho –, que presidiram o país. Além disso, abre caminho para o debate das possíveis relações de George W. Bush, Osama Bin Laden e sua família.

Entram em cena alguns eventos protagonizados pela cúpula política, econômica e militar do “Tio Sam”. A ausência de discussões sobre a questão do terrorismo com setores internos responsáveis, o corte nas verbas de combate a esta prática do FBI e o descaso com o relatório



de segurança recebido em 2001, que indicava o plano de Osama bin Laden de atacar os Estados Unidos seqüestrando aviões.

Além destes fatores, o principal ponto indicado no filme é a forte relação comercial e econômica estabelecida entre os Estados Unidos e membros da própria Al-Qaeda e talibãs. O ataque ao World Trade Center em 11 de setembro não foi o primeiro direcionado aos norte-americanos nem ao centro empresarial, como veremos a seguir. Ainda assim, o contato entre os países se intensificava. Embora a Al-Qaeda seja considerada pelos americanos como uma organização terrorista, após dois atentados ocorridos na década de 1990 – como veremos mais adiante – o governo de Bush mantém os vínculos comerciais. “[...] homens do Departamento de Estado, como o sub-secretário para o Sudoeste Asiático e os empresários da companhia petrolífera UNOCAL, do Texas, interessada no petróleo da Ásia Central, mantiveram contatos estreitos com a Al-Qaeda e, mais tarde, com seus pupilos talibãs [...]” (TEIXEIRA, 2009, p 11). Os contatos aconteceram em 1997, quando Bush filho era governador do Texas, principal estado interessado no acordo.

### **O neoterrorismo e o novo tipo de guerra**

Saindo da esfera cinematográfica, para podermos analisar o impacto dos atentados na sociedade americana e o novo tipo de terrorismo que teve seu auge em setembro de 2001, devemos observar a caracterização histórica dos quatro grandes períodos de terrorismo internacional, que começa ainda no século XIX.

A divisão, segundo Francisco Carlos Teixeira[10], é feita da seguinte forma:

§ 1880 – 1914: de caráter anarquista e/ou libertário e populista. O objetivo era chamar a atenção da opinião pública de alguma forma e, por isso, os focos eram os chefes de Estados e pessoas em evidência nos regimes políticos. Locais de incidência recorrente: Rússia czarista, Itália, Sérvia, França, Portugal e Espanha.

§ 1945 – 1974: de cunho predominantemente anticolonial, incluindo os processos de descolonização e as guerras de libertação nacional. Incidência na Argélia, Indonésia, Malásia, Vietnã, Palestina, além dos grupos de resistência como os europeus IRA e ETA, as organizações palestinas e ações de armênios e curdos contra os turcos.



§ 1975-1985: terrorismo político, extremista tanto de esquerda quanto de direita. Entre os grupos de esquerda estão, por exemplo, o alemão Baader-Meinhof, as Brigadas Vermelhas italianas, os neofascistas da Itália e Alemanha. O terrorismo foi financiado por muitos Estados em países como Coreia do Norte, Líbia, Bulgária. Neste período também é intensificado o terrorismo de ação anticolonialista. A partir de 1979, quando o Afeganistão está ocupado pelos soviéticos, começa o terrorismo mujahidin[11], sustentado pela CIA, Arábia Saudita, Jordânia e Paquistão contra tal ocupação.

§ De 1993 em diante: a partir da reorganização dos mujahidin, surge uma nova categoria – foco principal deste artigo – que agora se volta contra os americanos, os regimes árabes modernos e o Estado de Israel. É o atentado contra o World Trade Center, em Nova York, ocorrido em 1993, que inaugura este período marcado por guerras com métodos não-convencionais.

Nesta primeira ação terrorista ao World Trade Center, uma explosão causada por uma bomba colocada no segundo piso da garagem subterrânea de uma das torres matou seis pessoas, deixando feridas mais de mil. Um grupo de fundamentalistas islâmicos assumiu a autoria do atentado, foi preso e condenado à prisão perpétua[12]. A partir deste momento começa o que se convencionou chamar de neoterrorismo, com novas características, direcionado – prioritariamente – para o Ocidente. Tal prática encontra seu auge em setembro de 2001, oito anos após o primeiro, com a queda das duas torres, causando cerca de cinco mil mortes e instaurando o pânico na população.

Teixeira (2009) utiliza a expressão “guerra assimétrica” para definir o novo tipo de terrorismo que se estabeleceu. Tal guerra é entendida como um conflito desigual, com uso de táticas não-convencionais para surpreender o inimigo. Por este novo terrorismo, os Estados Unidos se perceberam vulneráveis, vendo que podiam ser atacados dentro do seu próprio território. Até então, nas demais guerras que participaram, os norte-americanos ainda não haviam sido atacados com tamanha intensidade, embora externamente tenham sido atingidos algumas vezes. Como, por exemplo, em Beirute no ano de 1983. Um carro-bomba explodiu na Embaixada dos Estados Unidos, matando 17 americanos. Meses depois, outro atentado no mesmo formato matou 241 soldados do quartel das forças de paz norte-americanas, também na capital do Líbano.





O próprio discurso do presidente Bush, dias após os atentados, caminha nesta direção. Diz ele[13]:

Em 11 de setembro, inimigos da liberdade cometeram um ato de guerra contra nosso país. Os americanos já conheceram guerras - mas, nos últimos 136 anos, foram guerras em solo estrangeiro, exceto num domingo em 1941. Os americanos sofreram perdas em guerras - mas não no centro de uma grande cidade numa manhã tranquila. Os americanos conheceram ataques surpreendentes - mas nunca anteriormente contra milhares de civis. Tudo isso caiu sobre nós num único dia - e a noite caiu num mundo diferente, um mundo no qual a liberdade está sendo atacada.

O conflito de caráter assimétrico tem na guerrilha uma de suas características. Os envolvidos não precisam, necessariamente, ter o mesmo potencial militar para, ainda assim, se enfrentarem. Aquele que é inferior militarmente pode usar táticas como ataques surpresas, sabotagem, etc. Além disso, pode “destruir as bases econômicas do adversário, dentro ou fora de seu território; cortar suas linhas de suprimento; atingir suas instalações sob forma dissimulada, seja no país ocupado, seja na sede do país ocupante; impedir o descanso e semear o pânico entre os aliados ‘nativos’ dos ocupantes [...]” (TEIXEIRA, 2009, p.21). Pode, também, utilizar meios eletrônicos e virtuais como métodos de atingir o adversário.

No caso específico do ataque aos Estados Unidos, a guerra não foi travada com um Estado-nação constituído. Os atentados foram atribuídos à organização terrorista Al-Qaeda, comandada por Osama bin Laden, que tem ramificações e simpatizantes em diversos países. Contudo, a ofensiva norte-americana se voltou inicialmente para o Afeganistão, onde estaria o seu líder ao invés de se preocupar em desestruturar a organização como um todo. Ou seja, o foco da ação militar dos Estados Unidos foi direcionado ao país, como se o governo afegão tivesse algum tipo de responsabilidade sobre os atentados, desconsiderando o fato de terem sido implementados por “uma rede terrorista livre de soberania”[14].

Era notório que a ação militar norte-americana não estava focando o inimigo exato. Por mais que boa parte da Al-Qaeda, o centro da organização, estivesse em território afegão, a rede é maior que isso e devia ser desarticulada também nos demais países. Tanto que, após a invasão em 2001, o grupo evoluiu de forma tal que passou de uma resistência desarticulada e isolada nas montanhas, para uma rede bem organizada e ativa depois de 2006[15].





Este conflito vem de encontro à definição da “guerra assimétrica” uma vez que coloca de um lado a principal potência mundial e seus inúmeros aliados e, do outro, uma organização fragmentada em diversos continentes como Ásia, África e Europa, sem um Estado constituído.

A guerra contra o terror, encabeçada pelos norte-americanos com apoio do Reino Unido, Espanha, Itália, Polônia e Austrália, chega ao Iraque em 2003. A população apóia a invasão porque, tomada pelo medo, acredita num ataque preventivo. Ou seja, atacar antes de ser atacados. “Na realidade, a guerra do Iraque de 2003 tornou-se uma continuação da inacabada campanha de 1991, cuja finalidade foi o derrubamento do regime de Saddam Hussein sob o pretexto da busca de armas de destruição em massa e da eliminação da Al-Qaeda” (ZHEBIT, 2001, p.41). O mesmo autor ressalta que os pretextos citados para invasão do país em 2003 não encontraram suporte uma vez que as armas químicas já haviam sido destruídas e que o país não abrigava parte alguma da rede Al-Qaeda.

Embora a entrada no território iraquiano das tropas de ocupação dos Estados Unidos tenha sido rápida, forças nacionalistas logo começaram os movimentos de resistência. O objetivo era fazer com que as tropas se retirassem, colocando a opinião pública norte-americana contra o próprio governo e tornando a manutenção das tropas extremamente onerosa. Números divulgados pelo Instituto Internacional de Pesquisas para a Paz de Estocolmo (Sipri) revelam que os Estados Unidos já gastaram mais de U\$1 trilhão desde o início da guerra contra o terror, em 2001 até o fim do ano fiscal de 2010[16]. O argumento utilizado para os ataques era a defesa do processo de libertação nacional e em nome disso matavam, sem fazer distinção, civis e soldados. Informações disponibilizadas por Zhebit (2009) mostram que cerca de 150 mil civis iraquianos foram mortos e 4,7 milhões se deslocaram para países vizinhos. Em apenas um ano (2004) foram cometidos 2368 atentados terroristas no país.

Com o passar o tempo, a sociedade americana mudou seu posicionamento e não mais apoiava a guerra. Além de terem seus filhos indo para uma guerra que utilizava métodos desleais de combate, visando apenas causar o maior número possível de baixas nas tropas americanas, percebia o alto custo que mantê-las lá estava causando para o país. Se o combate ao terrorismo foi um dos pontos decisivos para Bush conseguir se reeleger em 2004, também foi o que levou este mesmo presidente a ser, ao final do seu mandato, considerado um dos piores



na história norte-americana, segundo pesquisa divulgada pelo Instituto Rasmussen no início de 2009[17].

Em relação às eleições, a revista Carta Capital, de 10 de novembro de 2004, indica que a vitória de Bush se deu pelos votos dos moradores das áreas rurais como Texas, onde teve 61% da preferência. Nas grandes cidades como Nova York, a vitória foi do democrata John Kerry. A revista reproduz um depoimento de um cidadão nova-iorquino sobre o presidente: “Bush mentiu para os americanos. Disse que Al-Qaeda e Saddam Hussein eram a mesma coisa”. Mais adiante na matéria ele continua: “Em 2000, vou confessar, não votei. Mas sou democrático e precisamos tirar esse arrogante do Bush da Presidência”.

Sabrina Evangelista Medeiros (2009) trata sobre um outro ponto em relação à Guerra do Iraque. A ocupação gerou uma perda de apoio internacional aos Estados Unidos, mas o país permaneceu tentando estabelecer alianças multinacionais e binacionais contra o terrorismo. A busca por apoio continuou ainda que a política externa do governo Bush tenha caminhado na direção contrária em relação aos projetos de multilateralidade regional.

### **Pânico na população**

Após os atentados que atingiram as duas torres do World Trade Center e o Pentágono, o medo foi instaurado na população norte-americana. Além dos atos em si e das milhares de mortes que já eram suficientes para causar pânico, o discurso realizado pelo presidente Bush, nove dias depois dos atentados, fomentou – ainda mais – o sentimento de insegurança na sociedade. Isto porque o presidente coloca, equivocadamente, como um dos motivos dos ataques o fato dos Estados Unidos serem uma nação democrática, defensora da liberdade.

Em um dos trechos ele fala:

Americanos estão perguntando: por que eles nos odeiam? Eles odeiam o que nós vemos aqui mesmo nessa câmara - um governo eleito democraticamente. Os líderes deles são auto-indicados. Eles odeiam as nossas liberdades - nossa liberdade de religião, nossa liberdade de expressão, nossa liberdade de voto e de associação e de discordar um do outro.



O jornal O Globo, de 16 de setembro de 2001, traz uma entrevista com Madeleine Albright, ex-secretária de Estado americana publicada na revista Global View Point, de Washington. Assim como o presidente, as declarações de Albright mostram um pensamento unificado entre a classe política norte-americana. “Nós estamos sendo atacados pelo que somos. Nós apoiamos a democracia, a liberdade e uma sociedade livre. Esta é a essência da América, da qual não podemos escapar”.

Francisco Carlos Teixeira (2009) analisa o discurso do presidente Bush e aponta que um dos grandes equívocos do presidente é atribuir as motivações dos ataques aos EUA pela oposição dos terroristas às “virtudes, liberdade e democracia” do seu país. Os atentados, segundo o autor, foram resultado de uma política externa de intervenção constante em demais nações em nome dos seus próprios interesses. Ele usa como exemplo o apoio a derrubada do primeiro-ministro Mohamed Mossadegh do Irã, em 1953, para ascensão do xá Reza Pahlevi. Este instaurou um regime opressor e corrupto, porém favorável aos interesses econômicos norte-americanos. Com este tipo de postura, os Estados Unidos conseguiram conquistar o ódio de milhares de muçulmanos.

A revista Isto é, de 15 de setembro de 2001, publicou depoimentos de pessoas que estavam no país, que viram os aviões colidindo com os edifícios, e a constatação é sempre a mesma: o medo generalizado. Uma brasileira, jornalista, que mora no Colorado, deu o seguinte relato:

O meu maior medo era de que isso significasse o início de uma guerra. “Isso é uma declaração de guerra, contra quem quer que seja” reagiu um colega de trabalho. Os americanos nunca viveram uma guerra em seu território e ela parecia estar batendo a sua porta.

Estas ações terroristas promovidas nos Estados Unidos impressionaram por tamanha ousadia. O povo americano, em decorrência de jamais ter sido atacado em seu território – com exceção em 1941, quando a base americana de Pearl Harbor, no Havaí, foi bombardeada – parecia acreditar que não havia possibilidade deles serem atingidos de forma alguma. Ser atacado no coração de Nova York e no Pentágono, símbolo maior da defesa dos Estados Unidos, era inimaginável para qualquer cidadão, ainda mais, americano. O medo e o pânico foram consequências mais do que naturais.



## **A Nova Cruzada**

Ainda fazendo referência ao discurso de George W. Bush após os atentados podemos perceber por ele que o presidente retoma a ideia das Cruzadas, como se todos os países que fossem contra as ações terroristas devessem se unir para atacar tanto o Afeganistão quanto o Iraque. O espírito pregado pelo presidente norte-americano era o mesmo que Le Goff (2005, p.138) coloca em relação aos muçulmanos, cerca de dez séculos antes. “O muçumano era o infiel, a oposição era total, tal como foi definido pelo papa Urbano II ao pregar a I Cruzada no ano de 1095: ‘Que vergonha não seria para nós se esta raça infiel, tão justamente desprezada, degenerada em dignidade humana e vil escrava do demônio, prevalecesse sobre o povo eleito de Deus todo poderoso’ [...]”.

Não se quer aqui dizer que o Bush identificou terrorismo e islamismo como a mesma coisa. Francisco Carlos Teixeira (2009) explica que Bush cometeu uma série de equívocos em seu discurso, mas entre eles não estava a confusão entre os dois termos. Contudo, o autor explica que os discursos das autoridades norte-americanas de forma geral davam a impressão de um choque de civilizações. Assim como nas Cruzadas, parecia uma verdadeira ofensiva contra o mundo bárbaro árabe.

A diferenciação entre terroristas e islâmicos fica clara no seguinte trecho do discurso de Bush:

Hoje eu também quero falar diretamente aos muçulmanos de todo o mundo: nós respeitamos a sua fé. [...] Seus ensinamentos são bons e pacíficos, e aqueles que cometem males em nome de Allah blasfemam o nome de Allah. Os terroristas são traidores de sua própria fé, tentando, de fato, sabotar o próprio islã.

Uma verdadeira convocação para a guerra é feita por Bush, onde só se pode estar em um dos lados. “Cada nação, em cada região, tem uma decisão a tomar: ou estão conosco, ou estão com os terroristas. A partir deste dia, cada país que seguir apoiando ou protegendo o terrorismo será visto pelos Estados Unidos como um regime hostil”- proferiu Bush em seu discurso.

## **As guerras em 2009**



Com a ascensão do democrata Barack Obama à presidência dos Estados Unidos, em 2009, uma nova estratégia foi traçada para o combate ao terrorismo, voltada prioritariamente para o Afeganistão. Durante todo o ano foram enviados mais de 30 mil soldados norte-americanos para o país com objetivo de reprimir a insurgência e a intensificação do radicalismo talibã. A operação foi apoiada pela Otan, que também enviou homens para o combate ao terror.

Tal aumento no número de soldados enviados para o território afegão se justifica pelo crescimento de ações terroristas promovidas pela insurgência. Em 2007 houve um aumento de cerca de 30% comparado ao ano de 2006. O mesmo aconteceu no número de mortes: de 6 mil para mais de 8 mil no mesmo período[18].

No mês de novembro de 2010, a Otan anunciou que pretende começar a retirar suas tropas do país em julho de 2011, com previsão de conclusão em 2014, entregando a responsabilidade da segurança às autoridades afegãs e ao presidente Hamid Karzai. As tropas norte-americanas, segundo o Obama, também começaram sua retirada no mesmo período. Mas para que tal plano se concretize é preciso que as tropas afegãs estejam aptas para combater a Al-Qaeda e o terrorismo[19].

Já no Iraque, a estratégia do presidente Obama foi oposta. Ele iniciou a retirada das tropas em agosto de 2009. Um ano depois, mais de 90 mil soldados já haviam voltado para os Estados Unidos, restando cerca de 50 mil que permanecem lá para treinar as tropas iraquianas. Para o presidente, portanto, a guerra está próxima do fim. A previsão é que até o final de 2011 todos os soldados estejam de volta ao país[20]. Esta situação foi enfatizada um pouco antes das eleições legislativas americanas, que ocorreram em novembro de 2010, numa tentativa de manter a maioria na Câmara dos Representantes, uma vez que – segundo pesquisa realizada pela CNN – 62% da população norte-americana não apoiava a guerra[21]. Ainda assim, o partido Republicado perdeu para o Democrata a maioria das cadeiras da Câmara dos Representantes, deixando evidente o descontentamento da população com a política implementada pelo presidente.

O objetivo deste artigo foi apresentar questões referentes aos atentados às torres do World Trade Center e ao Pentágono através da análise do filme Fahrenheit 9/11. Podemos perceber que a visão de Michel Moore diverge da visão oficial difundida pelo governo de George W. Bush, mas corrobora com as ideias de Francisco Carlos Teixeira e de outros estudiosos da



temática do terrorismo. O filme pode ser visto como denúncia, pois trouxe à tona as relações da família Bush com os bin Laden.

Analisando tais atentados observamos que eles foram o clímax do que se convencionou chamar de neoterrorismo. Entre outras características, esse tipo de ação pressupõe o conflito desigual onde os inimigos não precisam – necessariamente – ter o mesmo potencial militar e nem mesmo serem países constituídos. A principal organização do gênero hoje no mundo é a Al-Qaeda.

A ofensiva antiterror implementada pelo governo por Bush, apoiada por diversos países, não apenas não conseguiu destruir a Al-Qaeda como também colaborou para o seu fortalecimento. “Uma nova Al-Qaeda ressurgiu depois de 2005. Suas ‘franquias’ se expandem em várias ‘al-qaedas’, numa nebulosa reticular, de estruturas moles, não-hierárquica e de grande capacidade de implantação” (TEXEIRA DA SILVA, 2009, p. 36). Se antes ela se concentrava no Afeganistão, hoje suas ramificações podem ser encontradas em países como Iraque, Sudão, Arábia Saudita e Argélia.

Pode-se, ainda, traçar um paralelo entre a intensificação da guerra do Afeganistão durante o governo de Barack Obama com o mesmo procedimento realizado pelo governo anterior, do presidente Bush, mas com o foco no Iraque. Entre os pontos em comum destacam-se: o número absoluto de tropas enviadas (28,5 mil para o Iraque e 30 mil para o Afeganistão), a argumentação de que é necessário o envio de reforço militar para conter a insurgência que se estabeleceu no território e aumentou o número de mortes, e a defesa de que é preciso mais tempo para o treinamento de tropas locais para o combate ao terror[22].

Obviamente a questão do terrorismo abrange inúmeros aspectos que por ora não caberiam neste artigo. O nosso objetivo foi, na verdade, analisar os atentados de 11 de setembro de 2001 tendo como base Fahrenheit 9/11, contudo não nos detemos apenas neste elemento. O discurso do então presidente Bush e as publicações de periódicos da época também acrescentaram nosso exame. O fato é que a produção de Fahrenheit 9/11, causou um frenesi na sociedade norte-americana visto que grande parte da população desconhecia as ações políticas – ou os descasos políticos – de Bush contra o terrorismo.

## Notas



- [1]Jornalista e graduanda do curso de História da La Salle-RJ. Integrante do Laboratório de Estudos Brasil e América no Tempo Presente (LEBATP) - Contato: [larajogaib@gmail.com](mailto:larajogaib@gmail.com)
- [2]Graduanda do curso de História da La Salle-RJ. Integrante do Laboratório de Estudos Brasil e América no Tempo Presente (LEBATP). Contato: [vanessaschumi@hotmail.com](mailto:vanessaschumi@hotmail.com)
- [3]Louis e Auguste Lumière projetaram as primeiras películas em dezembro de 1895 em um café parisiense. Dois curtas metragens arrebataram a platéia: La Sortiedes ouviers de l’usine Lumière e L’Arrivée d’un train en gare tratavam de registros cotidianos. O primeiro mostrava a saída de operários de uma fábrica, enquanto o segundo apresentava a chegada de um trem à estação.
- [4]Une nouvelle source de l’histoire: création d’un dépôt de cinematographie historique, publicado em Cultures, vol. 2, n. 1, Paris/Neuchâtel, Presses de l’UnescoALa Baconnière, 1974.
- [5]Ver: Kracauer, S. **De Caligari a Hitler: uma história psicológica do cinema alemão**. Rio de Janeiro: Jorge Zaar Editor, 1988.
- [6]A Escola dos Annales abriu caminho para que novos objetos auferissem status de documento histórico, contestando desta forma o paradigma positivista. Este movimento é conhecido no campo historiográfico como nova história. Este novo paradigma surgiu em 1929, ano em que Lucien Febvre e Marc Bloch lançaram a revista Annales d’histoire économique et sociale (Anais da história econômica e social). A motivação para criar a revista, que logo em seguida seria conhecida como a Escola dos Annales, veio da vontade de Febvre de libertar a história do marasmo, rompendo com barreiras disciplinares, preconceitos e erros de concepção.
- [7]Estilo de vida norte-americano.
- [8]Discurso do presidente George W. Bush em 20 de setembro de 2001. Disponível em:<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29639.shtml> acessado em: 22 de novembro de 2010.
- [9]Título original: Bowling for Columbine, EUA, 2002.
- [10]TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. **Os Estados Unidos e a Guerra contra o Terrorismo, 2001-2008**. In: \_\_\_\_\_ ; ZHEBIT Alexander (orgs.). Neoterrorismo: reflexões e glossário. Rio de Janeiro: Gramma, 2009.
- [11]Os mujahidin são os guerrilheiros religiosos afegãos, que utilizavam a “guerra santa”, a jihad, como motivação da sua guerra.
- [12]Revista Época publicada em 12 de setembro de 2001.
- [13]Discurso de George W. Bush disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29639.shtml> acessado em: 22 de novembro de 2010.
- [14]ZHEBIT, Alexander. **A construção da estratégia global antiterrorista**. In: \_\_\_\_\_; TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos (orgs.). Neoterrorismo: reflexões e glossário. Rio de Janeiro: Gramma, 2009.





- [15] TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. **Os Estados Unidos e a Guerra contra o Terrorismo, 2001-2008**. In: \_\_\_\_\_; ZHEBIT Alexander (orgs.). Neoterrorismo: reflexões e glossário. Rio de Janeiro: Gramma, 2009.
- [16] Informação disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/por-tras-das-%E2%80%98guerras-sem-fim%E2%80%99-uma-imponente-industria-belica> acessado em 3 de janeiro de 2010.
- [17] Informação disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL955529-5602,00-MAIORIA+DOS+AMERICANOS+DIZ+QUE+BUSH+E+UM+DOS+PIORES+PRESIDENTES+DA+HISTORIA.html>. Acessado em 3 de janeiro de 2011.
- [18] ZHEBIT, Alexander. **A construção da estratégia global antiterrorista**. In: \_\_\_\_\_; TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos (orgs.). Neoterrorismo: reflexões e glossário. Rio de Janeiro: Gramma, 2009.
- [19] Informações disponíveis em <http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2010/11/20/otan-aprova-estrategia-de-saida-do-afeganistao-923062697.aspx> acessado em 3 de janeiro de 2011.
- [20] Informação disponível em <http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2010/08/28/obama-diz-que-cumpre-promessa-guerra-do-iraque-esta-acabando-917501048.asp> acessado em 3 de janeiro de 2011.
- [21] Informação disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/obama-diz-que-cumpre-promessa-ao-encerrar-guerra-no-iraque> acessado em 3 de janeiro de 2011.
- [22] Informação disponível em <http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI4141249-EI8141,00-Analise+Obama+se+aproxima+de+Bush+ao+planejar+guerra.html> acessado em 11 de janeiro de 2011.

## Referências Bibliográficas

- BARROS, José D'Assunção. **Cinema e história: entre expressões e representações**. In: NÓVOA, Jorge. \_\_\_\_\_ (org.). Cinema-História: Teoria e representações sociais no cinema. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.
- FERRO, Marc. **Cinema e história**. 2ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- LE GOFF, Jacques. **Estruturas espaciais e temporais (séculos 10º -13)**. In: \_\_\_\_\_ A civilização do ocidente medieval. Bauru, SP: Edusc, 2005.
- MEDEIROS, Sabrina Evangelista. **Paradigmas da cooperação depois de 11 de setembro de 2001**. In: TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos; ZHEBIT Alexander (orgs.). Neoterrorismo: reflexões e glossário. Rio de Janeiro: Gramma, 2009.
- TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. **Al-Qaeda (prática terrorista)**. In: \_\_\_\_\_. Enciclopédia de guerras e revoluções do século XX. Rio de Janeiro: Campus, 2004.



\_\_\_\_\_. **Os Estados Unidos e a Guerra contra o Terrorismo, 2001-2008.** In: \_\_\_\_\_ ; ZHEBIT Alexander (orgs.). Neoterrorismo: reflexões e glossário. Rio de Janeiro: Gramma, 2009.

ZHEBIT, Alexander. **A construção da estratégia global antiterrorista.** In: \_\_\_\_\_; TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos (orgs.). Neoterrorismo: reflexões e glossário. Rio de Janeiro: Gramma, 2009.

#### Jornais e revistas utilizados

Jornal O Globo, em 23 de setembro de 2001

Jornal O Globo, de 16 de setembro de 2001

Revista Carta Capital, de 10 de novembro de 2004

Revista Isto é, de 15 de setembro de 2001

Revista Época, de 12 de setembro de 2001.

Discurso de George W. Bush disponível em

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29639.shtml> acessado em: 22 de novembro de 2010

O Globo on line – disponível em <http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2010/11/20/otan-aprova-estrategia-de-saida-do-afeganistao-923062697.aspx> acessado em 3 de janeiro de 2011.

Site da Revista Veja, da editora Abril, disponível em

<http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/por-tras-das-%E2%80%98guerras-sem-fim%E2%80%99-uma-imponente-industria-belica> acessado em 3 de janeiro de 2010.

Portal de notícias G1 – disponível em

<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL955529-5602,00->

MAIORIA+DOS+AMERICANOS+DIZ+QUE+BUSH+E+UM+DOS+PIORES+PRESIDENTES+DA+HISTORIA.html. Acessado em 3 de janeiro de 2011.